

MAGE VIVA

Director: ANTONIO SANTOS

SEMANARIO

ANO III — N.º 107 — Preço 5\$00 — 3/8/78

HOTELARIA EM ESPINHO

GREVE, APESAR DE TUDO...

«Em Espinho a paralisação não atingiu percentagens elevadas. Isso deve-se sobretudo ao facto de a maioria dos trabalhadores de hotelaria do concelho serem empregados de mesa que recebem percentagem e não se encontram abrangidos pela portaria.

Apesar de tudo registaram-se paralisações em alguns estabelecimentos da cidade, algumas de grande importância. No Hotel PraiaGolfe pararam alguns trabalhadores, afectando diversos serviços. No Casino o sector da cozinha paralisou, tendo a administração chamado a policia que pôs os trabalhadores na rua quando estes pretendiam tomar a sua posição. Temos informações de que, já antes do dia 29, a entidade patronal terá desenvolvido uma acção de persuasão junto dos trabalhadores para que estes não paralisassem. Eles chegaram mesmo ao cúmulo de me impedirem a entrada no Casino para contactos com os grevistas, isto após me ter identificado como dirigente sindical.

Para além de paralisações mais localizadas há que salientar a greve feita pelos empregados de mesa do Café Moderno que, apesar de receberem percentagem, não hesitaram em manifestar dessa forma a sua solidariedade para com os companheiros em luta. No Café Cristal, a paralisação realizou-se, a 100%. Talvez devido à grande unidade que existe entre os trabalhadores e ao facto de lá haver já uma estrutura sindical.

Nestes dois cafés a entidade patronal chamou pessoas estran-

has para fazer o serviço dos trabalhadores em greve num verdadeiro atentado aos direitos da nossa classe, à legislação vigente e à saúde pública».

Foi assim que João Almeida, dirigente sindical, nos traçou a panorâmica geral da forma como decorreu a greve da Hotelaria na nossa cidade. Perguntámos em seguida como é que as coisas se tinham passado no resto do país.

«Podemos considerar que a continua na página 3

INCIDENTES NO CASINO

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS DA INDUSTRIA DE HOTELARIA E TURISMO

NOVO CONTRATO 1978

GREVE NACIONAL DE UM DIA SABADO 29 JULHO



NA UNIDADE VENCEREMOS

Subsídios «aquecem» Assembleia Municipal

Inicialmente marcada para as 21,30 horas esta sessão extraordinária da Assembleia Municipal começou com cerca de meia-hora de atraso.

No período de antes da ordem do dia Humberto Cruz (APU) alertou para a instalação de um depósito de gás junto da Fosseira e para os possíveis perigos que possam daí resultar, tendo sido deliberado enviar um officio à Direcção Geral dos Combustíveis com o fim de se esclarecer a questão.

A discussão da distribuição dos 900 contos pelas diversas colectividades era, sem dúvida,

o ponto quente da sessão pela sua controvérsia e, ao que parece, pelos diversos movimentos de bastidores que pode ter criado.

«VOU-ME EMBORA!»

João Baptista começou por defender os interesses da sua freguesia e estranhar a diferença entre as verbas atribuídas às bandas e a Tuna de Anta. Porque Paramos também tem Banda, porque Paramos também possui Grupo Columbófilo.

A polémica alarga-se e bandas e Tuna entram na liça. Até que Adão Loureiro (PS), no seu estilo mui peculiar, estranha os vinte contos das bandas e os trinta da Nascente. E aí aparece outro busilis. Jorge Carvalho (APU) informa-o, sendo lamentável que indivíduos com responsabilidade na gestão do concelho, desconheçam uma colectividade tão diversa e positiva como a Nascente. E aproveitou para criticar a proposta da Câmara que classifica de improvisada, de ignorar uma política cultural e que seria preferível.

continua na página 4

ESCOLA DE BALLET

— Um trabalho com passado e com futuro

Talvez ignorada por muitos, desapoitada por outros de quem poderia esperar auxílio, contando sobretudo com esforço e a boa vontade da professora e alunos, o certo é que existe uma escola de ballet em Espinho. E não é, propriamente, uma coisa nova, pois já desde 71 que a aprendizagem do ballet tem sido contínua, numa iniciativa da professora Adriana Santos e da Academia de Música.

Recentemente falou-se, mais do que é hábito, nas actividades desta escola, em virtude da audição que os alunos deram no Teatro S. Pedro. Interessados em saber como é isto do ballet aqui entre nós, fomos até lá e além de testemunharmos o

trabalho que tem sido desenvolvido, procurámos conversar com a professora e alguns alunos. Sobre a audição, disse-nos a Prof.ª Adriana Santos:

«Estou bastante satisfeita, e isto porque as dificuldades com que nos debatemos não chegaram a impedir que fossemos capazes de apresentar um espectáculo de qualidade. Penso ainda que o resultado obtido é também consequência do método de trabalho que utilizamos, já que todo o espectáculo resulta de uma criação colectiva.

Um trabalho que tem uma história, não apenas a dos dias que antecederam o espectáculo mas a de outros dias em que continua na página 6

Exposição Retrospectiva DE ESPINHO

Conforme noticiámos, está aberta ao público no salão da Piscina, uma exposição retrospectiva de Espinho, até ao próximo dia 6 do corrente mês de Agosto.

Tal como no ano passado, deparamos com dezenas e dezenas de fotografias, de documentos, de objectos, marcas da transformação da localidade que habitamos. É certo que não será com recordações que se transformará, que se melhorará o mundo. Mas não deixa de ser positivo, interessante, conhecer, ainda que em traços largos, os passos, os aspectos, certos costumes e actos decorridos na localidade que habitamos. A luta entre a terra e o mar, o rosto de Espinho através dos anos, as actividades culturais e desportivas, o mercado semanal e a sua evolução, as figuras de

relevos no campo cultural, fotografias, cartazes, objectos. Retrospectiva que não é completa, exhaustiva, talvez aqui e ali com lacunas, com deficiências de informação, mas que ultrapassa o amontoado, a desordem, dando-nos um espelho muito razoável de Espinho.

A grande novidade deste ano é a exposição paralela de objectos de artesanato, desde os conceituados violinos Capela a trabalhos em madeira provenientes da Idanha, artigos de mobiliário feitos em vime e junco, redes de pesca, peças de cortiça feitas no Monte Lírio. Amostras do engenho local que permaneciam ignoradas da maior parte de nós.

Mas para que se levante um trabalho destes é preciso quem o leve a cabo. Desta feita, continua na página 2

De semana a semana

Com a Constituição

Pelo discurso de Ramalho Eanes ia-se ver até que ponto a Direita tiraria dividendos da sua jogada contra a Democracia. Uma jogada séria, de que o C.D.S. foi o instrumento visível, mas que passava claramente pela CIP, CCP, CAP e C.ª.

Eanes, que há tempos a Direita contestava abertamente era agora apresentado pela sua imprensa como o salvador providencial que traria a solução autoritária que há tanto tempo persegue. A Direita confiava, mostrava-se arrogante e chegava até a confundir arrogância com estupididade, como aconteceu com Alberto Jardim.

A resposta teve-a no discurso do PR. Mantendo-se fiel ao compromisso que assumiu, Ramalho Eanes, fez a sua análise da crise e apresentou as saídas de acordo com a Constituição. E adiantou, para o caso da Direita não ter percebido, que não recorre, nem nunca recorrerá a qualquer iniciativa pessoal que interfira com o curso democrático.

Continuou Eanes a insistir na possibilidade de concertação política entre «as forças sociais divergentes», invocando a existência de paz social, mas omitindo que esta se tem mantido à custa da repressão sobre os trabalhadores. De qualquer modo, as saídas que apontou são estritamente constitucionais, não escondendo o desejo que se evitem eleições antecipadas e fazendo aqui um apelo especial ao PS. PS que resistiu a esta investida da Direita, chegando mesmo a reencontrar a sua origem antifascista, mas que, isolado, não poderá aguentar novas pressões.

Entretanto, a solução só será conhecida no próximo fim-de-semana. Uma solução constitucional.

MAIS UMA VÍTIMA

A hora em que fechávamos a nossa edição, chegou-nos a notícia de que a passagem de nível do Bairro Piscatório, sem guarda, provocou mais uma morte a juntar à lista negra que só a C. P. parece ignorar. Quando à identidade do automobilista acidentado, soubemos apenas que residia em S. João da Madeira.

CINEMA

Dia 3, Quinta-feira
AS AVENTURAS DE ZORRO

M/ 6 anos

Os produtores são teimosos e por isso insistem em impingir-nos o Franco Franchi como seja um indivíduo cheio de piada. Se o termo não nos merecesse respeito ainda o poderíamos apelar de palhaço, mas nem isso.

Dia 4, Sexta-feira — (tarde)
A REVISTA DE CHARLOT

M/ 6 anos

Em repetição, um filme composto por três deliciosas médias-metragens de Charles Chaplin (Vida de Cão; Charlot nas Trincheiras) e «O Emigrante»). Imperdoável se não for (re)ver.

Dia 4, Sexta-feira — (noite)
NEM GUERRA, NEM PAZ

M/ 13 anos

Anterior à sua obra-prima, «Annie Hall», Woody Allen surge-nos uma vez mais num desconcertante filme, carregado de humor e que muito nos faz pensar. Com ele, a sua encantadora ex-mulher, Diane Keaton. Não perca de forma alguma.

Dia 5, Sábado
O GOSTO DA AVENTURA

M/ 13 anos

Gerard Depardieu, Sylvia Kristel e Michel Piccoli são os protagonistas numa história passada no pós-guerra que não sendo brilhante tem aqui e acolá alguns pormenores com interesse.

Dia 6, Domingo
AMIZADE INDESTRUTÍVEL

M/ 13 anos

É conveniente aproveitar bem o dia e esquecer que hoje há mais uma fita indiana.

Dia 7, Segunda-feira
O SEXO COMANDA

M/ 18 anos

Na variedade da programação é sabido que não pode faltar uma pornografia, que não aconselhamos mesmo a quem se interesse pelo género.

Dia 8, Terça-feira
O GENIO DO MAL

M/ 18 anos

Um tema que agora está muito em voga: um bebé que encarna o filho do diabo ou alguém com ele relacionado. Isto foi já abordado no fenomenal filme de Polansky, «Rosemary's Baby». Este, como todos os outros, não atinge a qualidade daquele. Ainda para mais mete-se naquilo que se pode chamar a «mística» da política, facto que muito o prejudica.

Dia 9, Quarta-feira
VIOLENCIA E PAIXÃO

M/ 18 anos

A culminar uma filmografia quase ímpar e em contraste com o seu filme «Leopardo», Luchino Visconti deixa-nos neste filme a visão do mundo dos nossos dias feita por um velho professor. Pondo um pouco de lado essa opinião, impõe-se realçar o rigor e a perfeição bem evidentes nesta obra quase derradeira. A não perder.

MUITA GENTE NO TRIBUNAL

Quem passou junto da Câmara Municipal de Espinho, no passado dia 26, quarta-feira, certamente se apercebeu do grande aglomerado de pessoas que ali se encontrava e que a imagem documenta.

O invulgar facto foi devido à realização de dois julgamentos no Tribunal da Comarca de

Espinho, a funcionar no mesmo edifício, nos quais estavam envolvidos diversos indivíduos residentes em Espinho, acusados de terem praticado diversos assaltos nesta região.

Embora em processos distintos, foram presentes a juízo um grupo de 4 elementos sobre o qual recaía a acusação da au-

toria do furto praticado nos escritórios da sociedade AIPAL e um outro grupo composto por 5 indivíduos, os quais por sua vez eram acusados de terem sido os executores de diversos furtos, entre eles o operado na redacção do jornal «Defesa de Espinho», o qual noticiámos oportunamente.

Depois de ouvidos e comprovados os factos, foram todos condenados, à excepção de um elemento do segundo grupo que foi absolvido, em vários meses de prisão, mas com a atenuante da pena suspensa pelo período de quatro anos. Desta atenuante, no entanto, não pôde beneficiar o Júlio Ferreira, igualmente do segundo grupo, que foi condenado a 5 anos de prisão, a juntar a 1 ano sentenciado pelo Tribunal de Ovar mas que estava sob pena suspensa.

Registe-se ainda o pormenor do juízo colectivo ter feito parte, para além de um desembargador e de um juiz de direito, o Presidente da Câmara Municipal, substituindo assim e conforme o previsto, o juiz da Comarca de Espinho, de que neste momento ainda se aguarda a tão necessária e urgente nomeação.



EXPECTATIVA ANTES DE SENTENÇA

Pintura de automóveis

com rapidez e perfeição

Alzira Pereira de Azevedo

Garagens: SOUSA e S. PEDRO

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275

Telef. 920413

ESPINHO

FESTA do P.C.P.

No último domingo a organização local do PCP realizou uma festa na lota de Espinho no âmbito das iniciativas preparatórias da próxima festa do «Avantel» que terá lugar de 8 a 10 de Setembro no Vale do Jamor.

A primeira parte foi dedicada às crianças, tendo actuado o Zé da Viola, o Teatro Popular de Espinho da Coop. Nascente com a peça infantil «O Rei com Crista de Galo» e ainda o cantor José Barata Moura.

Seguiu-se uma passagem de «slides» sobre as anteriores festas do «Avantel» e a entrega dos prémios relativos a um Torneio de Futebol organizado pelo PCP em Espinho. A equipa vencedora, o «Cantinho da Ramboia», irá representar as Beiras no Campeonato de Futebol que terá lugar na festa do «Avantel».

Actuaram ainda o grupo «Unidade» e José Barata Moura, desta vez com as suas canções de intervenção política.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

continuação da página 1

be à comissão pró-museu, composta por Abel Teixeira, Cadete Duarte, Rui Duarte, João Quinta e dr. Alberto Custódio, a realização desta iniciativa, interpretada como uma última arrancada para a instalação do museu em Espinho.

Para sabermos algo mais sobre esta exposição abeiramo-nos dum dos seus impulsionadores, o sr. Abel Teixeira, homem que desde 1947 vem coleccionando tudo o que diga respeito a Espinho, vasculhando aqui e ali, num trabalho minucioso, moroso, de pesquisa, que culmina na maior parte do material que podemos presenciar na referida exposição.

«Esta exposição resulta do trabalho de quatro dos cinco elementos da Comissão Pró-Museu. Já tinha colaborado em iniciativas deste género em 1971, e no ano passado. Este ano cabe-nos a nós, comissão, a sua realização tentando-se mostrar que existem razões válidas para a criação do museu. A Espinho falta-lhe atractivos turísticos, lacuna que o Museu iria, em parte, colmatar. É claro que não se pode fazer exposições todos os anos porque satura. Tentamos mostrar a evolução de Espinho através dos tempos da sua imprensa, da imprensa no distrito de Aveiro. Tínhamos muito mais, quase o dobro para expor, mas a sala é pequena. No ano passado usaram-se sete expositores, agora utilizamos treze. Não misturamos as coisas, organizamo-las por temas. Há certas falhas, por exemplo, podíamos ter organizado um inquérito aos visitantes acerca das suas opiniões sobre a exposição, o que nos seria muito útil.

E esta exposição tem sido um êxito, calculo em cerca de 20 mil pessoas o número de visitantes até ao seu fecho. Por último não queremos deixar de

reconhecer a ajuda do sr. Presidente da Comissão Municipal de Turismo e do sr. Presidente da Câmara, que tem ido todas as noites à exposição saber se falta alguma coisa. Deixaram tudo à nossa iniciativa, deram-nos todas as facilidades.

Mas eu volto ao mesmo, o que era preciso era uma casa para o Museu e pessoas que dessem continuidade a este trabalho, porque nós não duramos eternamente.»

Um longo olhar para trás, sem doentios saudosismos, para que possamos construir um novo caminho.

MARÉ VIVA

SEMÁRIO

Director :
ANTÓNIO SANTOS

Redacção :
RUA 62 N.º 251 - 1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

Propriedade :

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número :

António Letra, António Santos, Eugénio Morais, Fernando Valadas, João Barrosa, Manuel Henriques, Morais Gaio e Victor Sousa.

Composição e impressão :

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S. C. R. L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Supermercado do Lar

CAMPANHA DO MÊS

Papéis de parede desde 100\$00 o rolo — Alcatifas de 1.º desde 120\$00 o m2 — Móveis de sala desde 17.500\$00
Cozinhas por elementos — Candeieiros — Maples — Arcas
Tapeçarias — Tudo para o seu Lar
Descontos p/ Revenda

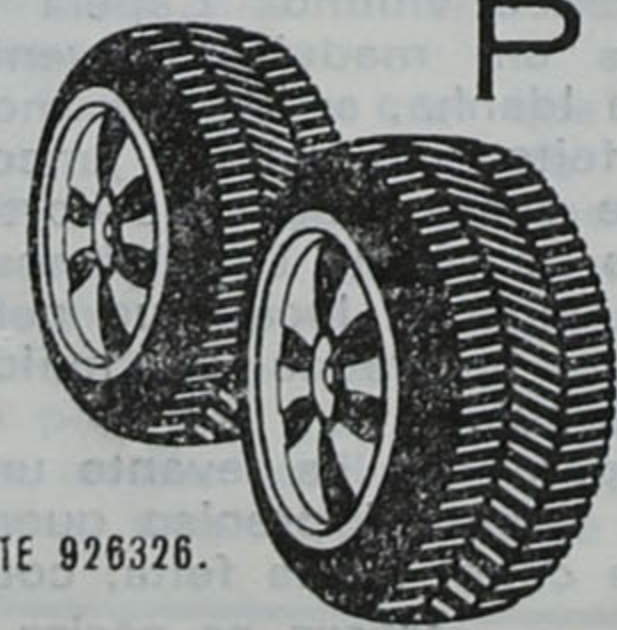
Rua 62 n.º 227-231 Telef. 922986 ESPINHO

Talho e Charcutaria

CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO



TE 926326.

PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus

Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica

— Alinhamento de Direcções
— Vulcanização de Câmaras
— Equilíbrio de Rodas

Rua 18 n.º 1010 — ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total

Agente: SACHS SIS — EFS

Tel. 9620675 — SERZEDO

V. N. DE GAIA

A GREVE DOS HOTELEIROS

continuação da página 1

« NÃO ÀS MANOBRAS DO SR. LOURENÇO »

(... Trabalha-se mas o dinheiro em vez de vir ao fim do mês vem quando calha. Além disso o Sr. Lourenço não estando disposto a pagar-nos os retroactivos os quais ultrapassam os 12 contos por pessoa, tenta por comum acordo com os seus lacaios dividir-nos para melhor poder reinar.

Não é por acaso que o sr. Lourenço afirmou a alguns trabalhadores que o pessoal contratado a prazo ia embora...).

(...) Pois bem o que é que pretende o nosso patrão com tudo isto ?

(...)

2.º — Dividir-nos para que nós não tenhamos força para lhe exigir os retroactivos e o cumprimento da cláusula do nosso C.C.T. sobre a alimentação.

(...)

3.º — Meter medo aos trabalhadores contratados a prazo para que eles não alinhem com os restantes nas lutas que se irão travar pelo cumprimento da questão da alimentação, dos retroactivos, etc, etc.

4.º — Evitar que a maioria dos trabalhadores adiram à Greve Nacional no próximo dia 29 de Julho.

Face a tudo isto é preciso dizer-vos o seguinte:

1.º — Os trabalhadores que estão na casa há mais de seis meses e que só assinaram um contrato não podem ser mandados embora pois a lei não o permite.

2.º — Segundo um jornal do passado dia 6 do corrente mês há uma empresa turística interessada na aquisição do Hotel PraiaGolfe. A confirmar-se a notícia é preciso estarmos alerta pois pode o senhor Lourenço deixar-nos de mãos a abanar sem nos pagar os retroactivos que nos deve.

(...)

5.º — Que sejam esquecidas as questões pessoais que existem entre alguns trabalhadores pois do nosso poder de mobilização para o dia 29 vai também depender a questão dos retroactivos e das regalias a que temos direito.

Extractos de um comunicado de um grupo de Trabalhadores do Hotel PraiaGolfe que se pronunciam sobre alguns problemas mais específicos.

greve foi um verdadeiro êxito. As zonas de maior concentração turística, como é o caso de Lisboa, Madeira e Algarve foram aquelas que registaram precisamente maior percentagem de aderências, de 80% a 100%. Embora não existam ainda números definitivos da paralisação deve ter rondado os 70% a nível nacional.

Perguntámos, para terminar, quais as perspectivas de luta aberta pelo resultado da paralisação.

«Penso que estão criadas as condições para que o nosso Contrato Colectivo seja uma rea-

paralisação. Em relação ao último ponto, o direito à alimentação, nós temos insistido particularmente porque ele representa a única parte do nosso salário permanentemente actualizada o que não aconteceria se fosse substituído um subsídio, como pretendiam fazer os patrões.

Penso que os dados estão lançados, que apesar de, em alguns locais a paralisação não se ter estendido a maioria dos trabalhadores, como foi o caso de Espinho, ela concretizou-se numa grande demonstração de vitalidade da classe. A luta vai continuar porque estamos cer-

Evolução do aumento de preços e salários dos trabalhadores de Hotelaria nos últimos dois anos.

Ano	Aumento em relação ao ano anterior	
	Preços	Salários
1976	21 %	—
1977	30 %	14,25%
1978	13,8%	—

Diminuição do salário real — mais de 30%

lidade. A Federação Nacional dos Sindicatos de Hotelaria, que coordena a luta, reunirá muito brevemente para decidir as formas da sua continuação, caso, evidentemente, os patrões não cedam entretanto. As nossas reivindicações dizem sobretudo respeito aos aumentos de 28%, contratação a prazo, e às percentagens de trabalhadores eventuais que nós pedimos que sejam 1 por cada 10 efectivos.

As entidades patronais, aqui no Norte, têm recusado as negociações. No Centro e Sul, incluindo Lisboa, eles apresentaram uma proposta que em traços gerais, conduzia a reduções de 800\$00 nos nossos salários relativamente à portaria de 1977, a abaixamentos dos níveis e ao fim da semana inglesa e do direito de alimentação. Pediam-nos ainda que suspendêssemos a greve. É evidente que não pudemos aceitar uma coisa destas e fomos para a

luta que as nossas reivindicações são justas e que a unidade dos trabalhadores é uma realidade.

— X —

NOTA

Relativamente à entrevista que publicámos no último número do nosso jornal sob o título «Hotelaria — Greve no Sábado» impõe-se fazer duas correcções, pelo que pedimos desde já desculpa aos nossos leitores.

Em primeiro lugar, no princípio do depoimento do delegado sindical onde se refere as negociações de um Contrato Colectivo, existe uma troca de datas: essas negociações foram em 1977.

Relativamente ao último parágrafo, não é verdade que em Aveiro se prepare a formação de um sindicato paralelo. O que se formou a nível nacional está a pretender furar em Aveiro.

O SEU A SEU DONO

ESTUDANTES DA E. I. C. E. RECTIFICAM

Há dias, fomos procurados por Alvaro Brandão e José Mendes, dois elementos da Associação dos Estudantes-Trabalhadores da Escola Industrial e Comercial de Espinho. Segundo nos disseram, desejavam dar a sua opinião quanto às declarações do Conselho Directivo da Escola, publicadas no «Maré Viva» de 6/7/78, declarações essas que consideram não ser totalmente correctas ou verdadeiras.

— Antes de mais, não é verdade que haja duas Associações de Estudantes — começou José Mendes. Houve, há dois anos, uma Associação dos alunos de dia e outra dos nocturnos, mas mesmo nesse caso tinha sido votado que as duas listas vencedoras se juntassem numa só associação. Isso acabou, na verdade, por não acontecer. O ano passado, apenas os alunos da noite elegeram a sua associação, a única a funcionar na Escola. E tiveram algumas dificuldades, por parte do Conselho Directivo, para realizar normalmente o processo eleitoral.

Em relação a problemas disciplinares, que o Conselho Directivo considerava não serem especialmente graves ou anormais, os dois elementos da Associação lembraram o caso da agressão a um professor por parte de um aluno, no ano que findou. Pelo que nos disseram, só graças aos delegados sindi-

cais foi possível fazer um processo e mandá-lo para Lisboa, não se sabendo ainda o resultado. O C. D. da Escola não terá feito tudo o que deveria, antes terá tentado abafar o caso, adiantaram-nos.

Seguidamente falou Alvaro Brandão sobre a questão da cedência de instalações, nomeadamente polivalente e pavilhão.

— Eles, primeiro que dão autorização para utilizarmos as instalações é um problema. Muitas vezes só autorizam quase em cima da hora, o que levanta problemas de publicidade, outras vezes cedem mas levantam problemas em relação ao empregado que tem de lá estar.

Quanto ao pavilhão, parece-me que a situação é muito má. O pavilhão está sempre ocupado por equipas de fora, federações ou não, e os alunos estão sempre em último. Sobre os de noite, porque é mais à noite que as equipas vão para lá. E acho que era possível organizar actividades desportivas, pois muitos alunos têm «furos» no seu horário e gostariam de fazer desporto. Mas sem pavilhão não pode ser.

Organizámos, há tempos, um torneio de futebol de salão que mostrou bem como os alunos estão interessados nestas actividades. Mas tivemos que fazer os jogos ao sábado à tarde, porque o pavilhão estava ocupado todas as noites por gente de fora. Até se dá o caso curio-

ESTA CIDADE



O FOGUETEIRO

Como prólogo um zumbido, um escalar vertiginoso que se consome em apoteótico estrondo! Um estrondo que não é resultante de crises governamentais, de explosões atómicas, que enche e arranha os ouvidos, que rasga o ar. Um ruído agradável e tradicional. Porque lembra festa, movimento, quebra na rotina sonâmbula de dias paracentos.

Há quem não goste, porque para ruídos bastam os comboios, os automóveis, as motorizadas, as máquinas da fábrica, os berros do vizinho colérico, o choro da criança impertinente, o ladrar do cão faminto. Há quem não goste porque é queimar mais uns escudos em época tão conturbada com os preços a subirem mais alto que o foguete.

E há quem goste porque é festa, é sinal, é aviso de folguedos, de colorido. Símbolo festivo, explosão de alegria, tradição que se mantém, exuberância que se aprova. Um foguete!

Muitas vezes não se passa disso, do foguete, do barulho, do estrondo. Fica-se na aparência sonora, reduz-se a festa, a alegria, a evasão, um ruído que se perde no ar, que entra por um ouvido e sai pelo outro.

so de às vezes, alunos da Escola utilizarem o pavilhão e terem de pagar por isso: mesmo que o C. D. da Escola dê ordem, se o empregado não concorda tem que se lhe pagar. E o problema de haver só um empregado, para o dia e para a noite, que assim fica muito sobrecarregado.

Outros problemas, outras questões?

— Parece-nos estranho e pouco correcto que se façam, volta e meia, reuniões com a Associação de Pais e nunca se tenha feito, nem sequer tentado, uma reunião com a Associação de Estudantes-Trabalhadores — comentou José Mendes. Sempre que há problemas, tentam resolver-se por contactos pessoais, o que não é solução.

Em relação a trabalho cultural, é pena que o C. D. não se preocupe com isso, pois, com o apoio da Associação, seria possível realizar algumas coisas. A Escola tem boas possibilidades, tem um grande polivalente, tem um palco, tem uma máquina de projectar (avariada e abandonada há cerca de 2 anos, ao que me constou). E nada fez, a não ser no dia da greve dos professores, por iniciativa dos delegados sindicais.

O próximo ano está para vir. Como vão ficar as coisas?

— As perspectivas não são muito animadoras. A maior parte dos alunos da actual Associação termina este ano os seus estudos na Escola. É sempre

um bocado difícil começar as coisas do nada, sem ter alguma experiência e apoio de anos anteriores. Mas esperamos que se possa, finalmente, fazer uma Associação de todos os alunos da Escola, com representação dos diurnos e dos nocturnos. Foi pena, este ano, não se tivessem feito as reuniões que chegaram a estar previstas. Mas para o próximo ano, espero, vai ser possível.

LIMA BASTOS

ADVOGADO

Escritório
Largo de Camões — Telefone 96281
VILA DA FEIRA

Residência
Av. 24 n.º 245-1.º — Tel. 922904
ESPINHO

SOCIEDADE

MALHAS COPITEX
LDA.

Confecção de Malhas para
Criança e Adulto

Rua 22 n.º 1200
Apartado 76 ESPINHO

Assembleia de Madeireiros

Realizar-se-á no próximo dia 5 de Agosto pelas 9,30 horas uma Assembleia Geral Extraordinária do Sindicato dos Madeireiros do Porto e Aveiro na respectiva sede em Valbom — Gondomar. Da ordem de trabalhos de trabalhos constará a eleição dos candidatos a Juizes Sociais, uma deliberação sobre a situação de dois elementos da Direcção e informações sobre as alterações ao CCTV.

MEMÓRIA SELECTIVA

continuação da página 8

va-me a continuar na situação de mero auditor. Com o pensamento implicado na procura do melhor tratamento a seguir para «castigar» a memória, ouvia distraidamente o Alberto sentado a meu lado. Contava ele, apaixonadamente, as peripécias ocorridas a propósito da sua grande paixão: a caça. Que, todos os anos, metade das suas férias eram imperativamente reservadas para a grande caçada anual. E que domingo sem chuva era dia de o encontrar, arma ao ombro, à espera que abrissem a jaula a um maltratado pombo para «pum» (raras vezes «pum-pum») mostrar a sua perícia.

E lembrei-me. Lembrei-me do Alberto, ainda sem bigode, de calções, com um coelho castanho e branco nos seus braços. E da história desse coelho, comprado na feira e destinado a ir parar ao forno do fogão da mãe do Alberto. Destino alterado graças ao choro sincero e comovido do Alberto que soube das intenções maternas. Ao Alberto ficou o coelho a dever não apenas a vida, como uma certa liberdade. E que quando quisessem pô-lo num cento do galinheiro, o Alberto fez nova berraria acompanhada de uma crise de nervos, e a mãe, embora preferisse utilizar o coelho para alimentar a família, teve de deixar utilizar as plantas do quintal para alimentar o coelho.

Assim nasceu a amizade entre o Alberto e o Coelho. Como os amigos têm sempre um nome, um dia reunimo-nos depois da escola, em casa do Alberto, e fizemos uma festa de baptizado.

No dia em que o coelho foi encontrado morto no quintal, voltei a casa do Alberto e fizemos-lhe um funeral. Metemo-lo na caixa de sapatos e enterramo-lo num cento do jardim. Colocamos flores sobre a campa e rezamos. O Alberto chorou

e eu também.

Eis a história do coelho... (mas qual foi o nome que lhe demos?) e do seu amigo Alberto.

Gastei largos minutos na tentativa infrutífera de me lembrar do «nome» que lhe demos. Uma tentação invadiu-se e não resisti a perguntar ao Alberto se ainda se lembrava do nosso coelho e qual era o nome que lhe tínhamos posto.

Contrariamente ao que possam pensar (pelo menos eu pensei isso) o Alberto lembrava-se perfeitamente do coelho e que o tinhamos apelidado Tobias. Ficou ligeiramente surpreendido de eu não saber pois recordava-se que eu tinha sido um dos padrinhos.

Fiquei a pensar como podia o Alberto lembrar-se tão bem do Tobias e ser um apaixonado caçador. Algo estava errado. E descobri a razão. E que o Alberto não tinha uma memória tão prodigiosa como ao princípio eu pensava. Podia lembrar-se do Tobias e de todos os pormenores da sua existência. Mas havia algo que o Alberto era completamente incapaz de recordar. Era incapaz de lembrar-se do amigo do Tobias, do pequeno Alberto capaz de lutar, chorando, pela vida e pela liberdade dum indefeso animal. Esse tinha-o fechado a sete chaves no fundo do inconsciente.

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

Rua 20 n.º 390

TELEF. 920452

O meu estado depressivo esfumou-se. Fiquei até contente por não me lembrar de nomes. É que imaginei que a memória da gente é como um grande armazém. Com coisas perto da entrada e outras arrumadas no fundo. Gostei mesmo de representar o meu «armazém-memória» como um enorme amontoador desordenado de nomes nos fundos escuros. E fiz uma promessa de me esforçar por manter a criança que fui sempre perto da entrada. Oxalá consiga.

A. Mnésio

XI Festival Mundial da Juventude

Começou na noite da passada sexta-feira o XI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes em Havana. Coube ao Campeão Olímpico cubano Juan-torena a honra de acender a chama do Festival que se manterá acesa até ao seu encerramento.

Mais de vinte mil jovens das cinco partes do mundo rumaram a Cuba para participar nesta grande festa da alegria sob o lema da solidariedade anti-imperialista, da paz e da amizade.

O XI Festival Mundial da Juventude é uma organização da Federação Mundial da Juventude Democrática que vem repetindo esta iniciativa com crescente aceitação no seio da Juventude. Este ano contou-se por muitos milhões os jovens que, em todo o mundo, participaram nas iniciativas preparatórias, divulgando os objectivos e as palavras de ordem do Festival.

Também em Portugal a preparação do Festival foi a alegria e a generosidade de muitos milhares de jovens que por esse país fora fizeram ouvir bem alto a sua palavra de paz e de solidariedade.

Ultrapassa a centena de elementos a delegação portuguesa, constituído por representantes de Sindicatos, Associações de Estudantes, Associações Culturais e Desportivas, Organizações Partidárias, etc. O lema adoptado pela delegação portuguesa «25 de Abril sempre» reflecte bem as actuais preocupações e tarefas da juventude portuguesa.

O XI Festival Mundial da Juventude reveste-se de uma enorme importância em múltiplos aspectos. É indiscutível a importância da solidariedade na evolução da situação mundial em favor das forças progressistas e democráticas. Este Festival é, talvez, aquilo que de mais importante se faz neste capítulo, a nível mundial. A prova-lo está a participação de tantos países que agora se encontram a braços com uma luta terrível pela liberdade e pela democracia: estão em Havana delegações do Chile, Palestina, Estados Unidos, Brasil, Zimbábue, etc.

O contacto entre as diversas delegações permitirá ainda uma troca de experiência que permitirá à juventude mundial uma maior capacidade de luta na concretização das suas legítimas aspirações.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

continuação da página 1

«OS SUBSÍDIOS»

rível gastar 900 contos na construção de uma sala de espetáculos a utilizar por todas as colectividades a usar a improvisação. Humberto Cruz (APU) apresentou um requerimento em que pedia que a proposta do executivo baixasse ao Conselho Municipal. O requerimento foi recusado, para descanso do Presidente da Junta de Silvalde que chegou a declarar: «Se esta Assembleia Municipal não serve para nada, vou-me embora». Foram apresentadas diversas propostas relativas à distribuição dos 900 contos, apontando todas elas para uma redução

na verba a atribuir à Nascente. Uma dessas propostas apresentadas por Adão Loureiro P. J. Silvalde) viria a ser alterada à última hora, repondo os 30 contos que cabiam inicialmente à Nascente.

Rejeitada a proposta da Câmara, foi aprovada a de Adão Loureiro com os votos do P.S. e C.D.S., e abstenções do P.P.D. A.P.U. e independentes. Jorge Carvalho (APU) fez declarações de voto, considerando improvisada e alienatória esta proposta, como outra qualquer, lamentando a marginalização do Conselho Municipal.

AS DUAS PROPOSTAS

	da Câmara	Aprovada
S. C. Espinho	200 contos	220 contos
A. A. Espinho	200 »	175 »
Bombeiros (2 corp.)	95 »	100 »
Bandas de Silvalde,		
Espinho e Paramos	20 »	25 »
Tuna de Anta	40 »	40 »
C. Académico de Espinho	30 »	25 »
Academia de Música	30 »	25 »
Coop. Nascente	30 »	30 »
Aeroclube	10 »	10 »
G. Columbófilo Espinho	5 »	— »
C. Rec. Cult. de Paramos	5 »	— »

A A. M. autorizou ainda a Câmara a propor ao Conselho Nacional de Jogos a aplicação de 25% do imposto de jogo na estrada de ligação da rua 20 com a ponte de Anta.

No período reservado à intervenção da assistência, Fernando Victor referiu a preocupação da população do local onde está sendo construído o depósito de gás referido na intervenção de Humberto Cruz, Rolando de Sousa lamentou a marginalização

do Conselho Municipal na distribuição das verbas, classificando-a de incoerência por parte da Assembleia, que assim negou às colectividades representadas no C. M. a possibilidade de se pronunciarem sobre uma matéria que lhes diz directamente respeito.

Dada a não conclusão da ordem dos trabalhos, a sessão continuará na próxima sexta-feira.

ESPINHO — LISBOA — ESPINHO

Viagens em Autopullman — Part. diárias (excepto domingos)
Ida e Volta — 360\$00 Só Ida — 180\$00
Horários: Saída Espinho às 7,30 — Saída Lisboa às 17,30
Programas especiais c/ hotel — Fim-de-semana e 1 semana

Consulte a Agência de Viagens CONCORDE

Rua 12 n.º 628 — ESPINHO — Telef. 921941 ou 921285
para desenvolvimento do turismo interno

CASA LUÍSA NOGUEIRA

João César da Costa

Depósito de Frutas — Vendas por junto e a retalho

Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

QUIOSQUE SUBTERRÂNEO

Jornais - Revistas - Tabaco

A SUA MÃO

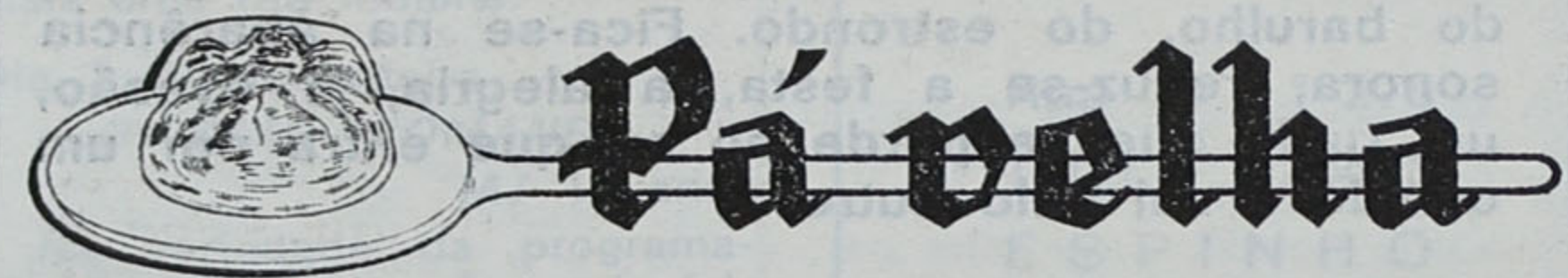
na passagem sob a via ferrea

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218
ESPINHO



Pá velha

Confeitaria

Especialidades Regionais — Pastelaria sempre fresca

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

Reparações em instalações eléctricas

e em todos os electrodomésticos

ELECTRO PRONTO

MIRANDA & LEITE, LDA.

Venda de todo o material electrodoméstico e de baixa tensão

Rua 18 n.º 955 Telef. 923259 ESPINHO

FÁBRICA DA BRASILEIRA

Ramiro de Sá Couto, L. da

Caixas de Cartão Canelado

Papéis - Embalagens - Artes Gráficas

Telefone 967101 Apartado 11 S. Paio de Oleiros

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520 - 1.º

Telef. 921014

ESPINHO

Fábrica de Tapetes para Automóveis

AQUILES PINTO LOUREIRO

Alcatifas — Carpetes — Tapetes

Rua 22 n.º 1190-1192 — Tels.: Fáb. 922171 — Res. 921556

(Frente às Oficinas Martins)

ESPINHO

RODRIAUTO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Lavagens, parafinações, mudanças de óleo e lubrificações

Oficinas de mecânica geral, chapeiro, pintura, etc.

Reparação e afinação de Tractores Agrícolas

ESTOFADOR

RODRIGUES, GOIS & C.ª, Lda.

Rua 31 n.º 914

Telef. 923006

ESPINHO

A. D. ESMOJÃES

«SÓ NOS FALTA O CAMPO»

No dia 8 de Julho, houve festa em Esmojães, o populoso lugar da freguesia de Anta. Atletismo durante o dia, festa popular à noite, assinalaram a passagem do 2.º aniversário da Associação Desportiva de Esmojães.

Faziam-se os preparativos para as festividades da parte da noite no largo dos Altos Céus, quando encontramos alguns elementos da direcção do clube em festa, ainda mal refeitos dum dia bem preenchido com provas de atletismo que movimentaram largas dezenas de jovens.

«Só não houve ciclismo, que estava previsto no programa, porque não houve inscrições que o justificassem. Mas o êxito que foi o atletismo já nos deixou satisfeitos.»

A história do clube veio depois, em traços muito simples: Esmojães tem muitas tradições no campo desportivo e houve já vários clubes, que, embora com existência efémera, se dedicaram à prática do desporto, nomeadamente o futebol. Acabou por ser de um desses clubes, a Resineira F. C., de uma empresa, que acabou por dar lugar à Associação Desportiva de Esmojães, já lá vão dois anos. Desde então o clube ganhou raízes e conta neste momento com 180 sócios, que pagam a sua quota, bem como cerca de 40 atletas. Movimentam também umas dezenas de miúdos, tudo também no futebol.»

Ficámos um pouco admirados quando foi referida a situação económica: «A nossa situação económica é desastrosa, pois temos algumas dezenas de contos de saldo. Pensamos aplicá-los num novo campo de futebol, para o que se espera a contribuição da Junta para ajuda da aquisição de um terreno, que existe aqui na «Zona Velha.»

As outras modalidades nem por isso estão postas de parte: «Com um novo campo haverá

também possibilidade de se praticarem lá outras modalidades, como o voleibol, o andebol e o atletismo. Permitir-nos-ia, além disso, encarar seriamente a hipótese de nos inscrevermos na Associação de Futebol de Aveiro e disputar o respectivo campeonato. Para isso até os Estatutos já vão bem encaminhados.»

«O campo onde jogamos não tem o mínimo de condições, nem está adequado para se receberem equipas de fora. Entramos por isso em muitos torneios populares organizados por outros clubes da região e até já fomos a Espanha, onde defrontámos equipas espanholas também populares.»

Perguntámos, então, como encarariam a filiação da A. D. de Esmojães os outros clubes da freguesia de Anta e, em particular, o Sporting Clube de Esmojães.

«A rivalidade entre os clubes é muito grande, mesmo com o S. C. de Esmojães que é aqui do lugar. Parece-nos por isso bastante difícil, a curto prazo um esforço comum dos clubes para representarem a freguesia em competições oficiais. Por isso, e porque temos jogadores para isso, se tivermos oportunidade, tomamos nós a iniciativa, porque alguém tem que a tomar. E para isso só precisaríamos dum campo em condições.»

NACIONAL DE CULTURISMO

Realiza-se na sede do Sporting de Espinho, no dia 5/8, pelas 21 horas, o Campeonato Nacional de Culturismo de 1978 acontecimento que não deixará de mover a curiosidade de muitas pessoas.

500 NA MINI-VOLTA

A uma semana do início da Volta a Portugal aqui mesmo, em Espinho, cerca de 500 jovens animaram a cidade e toda uma região que vai até a Vila da Feira e a Ovar, envolvidos na 18.ª edição da Volta a Portugal em Miniatura.

Não é só o número de concorrentes que dá da envergadura que esta competição vai

adquirindo, mas também o seu renome, que traz até Espinho até equipas espanholas, e que faz desta iniciativa das Malhas Artirene a prova do género mais importante a nível nacional.

Por isso mesmo, esta Miniatura vai sendo-o cada vez menos e ganhando uma dimensão que coloca problemas de organização e casos de «campeonite» que merecerão uma atenção mais cuidada. De qualquer modo, o êxito foi grande, quer nas provas de sábado de manhã para os escalões etários inferiores, quer na Volta propriamente dita, que se prolongou durante o domingo, num total de 60 km. Confirmando o ditado «filho de peixe sabe nadar» o 1.º lugar dos Federados foi para Fernando Carvalho, do Gulpilhares, filho do ex-ciclista Alberto Carvalho, seguido do espanhol Manuel Punzon.

TÍTULO REGIONAL POR EQUIPAS

XADREZ da A. A. E. diz como foi

Numa altura em que o grande público ouve falar todos os dias de xadrez, por via do «match» Karpov-Korchnoi, esta modalidade desportiva (e talvez mais do que isso...) tornou-se momentaneamente vedeta a nível local, dada a recente vitória da Secção de Xadrez da Académica de Espinho no Campeonato Regional de Equipas. E para alguns mais cépticos, que duvidarão da «categoria» do torneio, diremos que estiveram em competição os melhores jogadores da Associação do Porto, o que é o mesmo que dizer os melhores jogadores do Norte. E acrescentaremos que esta vitória dá direito à A. A. E. de disputar o Campeonato Nacional de Equipas, juntamente com o Sporting C. P., campeão nacional, com o campeão de Lisboa e de vários outros distritos do país, que se realizará em Setembro.

Mais do que justificada é portanto uma atenção especial sobre o trabalho da S.X.A.A.E., que conta apenas quatro anos de vida e numa terra onde o xadrez nunca teve tradições especiais, apesar de cá já ter havido um campeão nacional (Leonel Pias) e de aqui já ter feito uma simultânea o célebre campeão mundial Alekhine.

Estivemos na sala da S.X. da A.A.E. e foi aí que os seus responsáveis nos explicaram o «segredo» desta vitória:

«A explicação surge na sequência dum trabalho bastante positivo da secção desde a sua fundação e norteado por três objectivos: fomento e dinamização do xadrez em Espinho, amadurecimento técnico e competitivo dos nossos xadrezistas e obtenção de bons resultados em competições oficiais.»

PROMOVER O XADREZ...

«Logo em 1974 realizaram-se grandes jornadas xadrezísticas, que incluíram vários torneios para jovens, uma simultânea com Gil Coelho (um dos melhores jogadores do Norte), campanhas de ensino do xadrez e outros torneios para xadrezistas mais evoluídos. Quase todas estas actividades se realizaram ao ar livre, na esplanada ou na avenida, o que nos deu bastante trabalho, mas que nos trouxe resultados muito positivos. Começaram-se a ganhar bastantes mais elementos para a secção, sobretudo jovens, que passaram a encarar o xadrez como algo mais do que um simples passatempo.»

...EVOLUIR...

«Sem se perder de vista estas campanhas de dinamização, que se estenderam depois às escolas, começou-se a encarar a sério a evolução dos jogadores de que a secção já dispunha. A inscrição na F. P. X. foi um passo necessário e a A.A.E. começou a estar representada em todas as provas regionais e algumas a nível nacional.»

Entretanto, dado o êxito das provas de Verão de 74, as jornadas xadrezísticas repetiram-se em 75, 76 e 77. Pontos culminantes terão sido as simultâneas com os Mestres Internacionais Joaquim Durão e Fernando Silva, sobretudo a primeira, disputada no perque, com 53 tabuleiros, e que se revestiu de grande impacto e espectacularidade.»

...E OBTER RESULTADOS

«Não sendo o objectivo fundamental, a obtenção de bons resultados nas provas oficiais não deixa de ser importante, quer como corolário do trabalho feito, quer como motivação da juventude espinhense para o xadrez.»

Feita a captação de jogadores e o seu amadurecimento, os resultados não tardaram. Assim, depois dum inesperado 3.º lugar no Regional de Equipas de 75, do 1.º lugar no Regional de Equipas de 2.ª categoria do 5.º lugar de José Azevedo no Nacional de Juniores de 77, surgiu o título de Campeão Regional de Equipas de 78.

A equipa da A.A.E., formada por José Azevedo, Orlando Santos, Amadeu Loureiro, Francisco Lemos, João Carvalhas, Victor Sousa e Fernando Reis, começou o campeonato com o

O TORNEIO

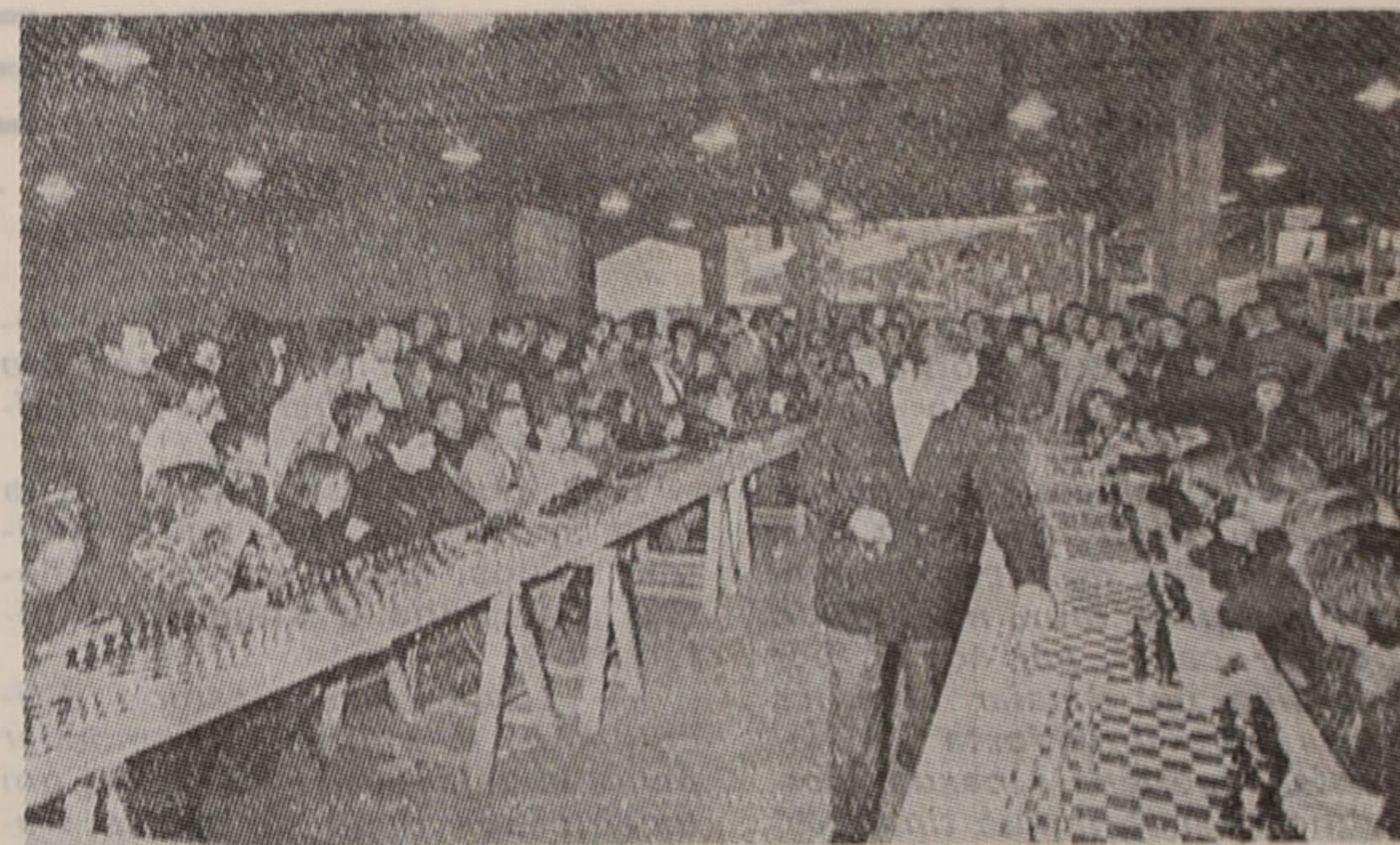
— O campeonato disputou-se com encontros que opuseram todas as equipas em sistema de «poule». Em cada encontro, jogaram quatro jogadores que, em quatro tabuleiros, defrontaram cada um os quatro adversários da outra equipa. A vitória em cada tabuleiro dava um ponto, o empate meio-ponto e a derrota zero.

— A A.A.E. obteve 8 vitórias e apenas um empate: G. X. P.: 2-2; F. C. P.: 3-1; Coop. Monsanto: 4-0; Ala Nun'Alvares: 4-0; C. J. Salesianos: 4-0; Vilanovense F. C.: 3-1; C. P. Natação: 4-0; Coop. Campanhã: 4-0; C. D. U. P.: 3-1.

— O jogador mais regular foi Francisco Lemos, que venceu todas as 8 partidas que disputou.

— José Azevedo, jogando no 1.º tabuleiro, defrontou os adversários mais fortes e não venceu todas as partidas. Mas fechou com «chave de ouro», no encontro final e decisivo com o C.D.U.P. vencendo Jorge Guimarães, nem mais nem menos do que o actual campeão regional individual.

— A média de idades dos sete xadrezistas da A. A. E. que participaram no campeonato é de 20 anos.



A SIMULTÂNEA É SEMPRE A FESTA DO XADREZ

propósito de obter apenas uma boa classificação. No entanto, depois da 2.ª jornada, com o empate a 2-2 com o Grupo de Xadrez do Porto (campeão de 77) e a vitória sobre o F. C. Porto (um dos favoritos) por 3-1, começou-se a pensar no 1.º lugar. O último obstáculo, o C.D.U.P., acabou por ser passado surpreendentemente por 3-1, apesar de só terem jogado três elementos (Azevedo, Amadeu e F. Lemos), pois o Orlando, que estava escalado, não pôde comparecer. Acabámos por perder só neste tabuleiro, por falta de comparência, e vencermos ou-

tros três, depois de um grande esforço.

Julgamos que se obteve assim o prémio justo, adequado ao trabalho que se tem feito e pensamos que se pode aproveitar este êxito para estimular ainda mais a prática do xadrez em Espinho.

O Nacional de Equipas? Não temos ilusões. Quando muito o 3.º lugar, pois estamos a muita distância do Sporting, que tem Fernando Silva e Luis Santos ou do Benfica, que este ano conta com João Cordovil. E mesmo o 3.º lugar vai ser difícil...»

Cerqueira Fernandes

SOLICITADOR

AV. 24 N.º 741 S/D

Tel. 923129

Vende-se

DYANE NAZARÉ - 1977
COMO NOVA

Para mais informações:
Telef. 920054 às horas das
refeições

ENFERMAGEM

ALBERTO FERNANDO DE VASCONCELOS GUIMARÃES comunica a conclusão do seu curso e que se encontra à disposição de todos na Rua 33 n.º 2 (entrada pela rua 2 s/ n.º), com o telefone (provisório) n.º 920945, nesta cidade.

CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca
de motorizadas e bicicletas

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Rua 20 n.º 735 Tel. 920216 Apartado 107 ESPINHO

OS PRÉMIOS E AS PERSPECTIVAS QUE SE ABRIRAM

Conforme tínhamos anunciado, realizou-se a atribuição dos prémios do Concurso Nascente, espécie de «Jogos Florais» organizados pelo «Maré Viva» dentro das comemorações do 2.º aniversário da Cooperativa Nascente.

Com a presença de alguns concorrentes e elementos do júri, fez-se a análise colectiva dos trabalhos seleccionados pelo júri entre todo o material enviado a concurso e sua discussão, após o que, por votação do júri e concorrentes, foram encontrados os vencedores. O material premiado enquadra-se nas modalidades de conto, poesia, pintura e reportagem, o que demonstra a variedade de temas e formas que os concorrentes abordaram. E se o número de interessados no concurso não se pode considerar elevado, isso se fica devendo também às deficientes condições em que foi organizado por quem, além do mais, tem de fazer um jornal semanalmente. Cremos, todavia, que com mais algum esforço e uma maior divulgação e a mobilização de interesses da parte de sectores como escolas, sindicatos, organizações de juventude, etc. será possível dar outra relevância a próximos concursos.

Os vencedores, nas várias modalidades foram os seguintes: CONTO — Jorge Oliveira, Maria Manuela P. Coelho de Mendonça e Bernardo Miguel Lopes Serrão, todos de Espinho; POESIA — Napoleão Soares Guerra, de Espinho, e Dorinda da Conceição Castro, de Caldas de S. Jorge; REPORTAGEM — Serviço de Realizações Culturais e Recreativas do Siljornal, Silvalde; PINTURA — Luís Correia, de Espinho, e Maria da Graça Montenegro, de Penajóia, Douro.

Foi premiado na secção de concorrentes com menos de 16 anos João Carlos Lopes Ledo da Fonseca, de Espinho. Júri e concorrentes decidiram ainda, por unanimidade, atribuir um prémio a um trabalho colectivo apresentado por alunos da 2.ª Fase da Escola Primária de S. Pedro, constituído por um conjunto de quadras sobre Espinho e sobre a sua escola.

Iremos proceder semanalmente à publicação de material premiado e daqui convidamos os concorrentes a procurarem os seus prémios, constituídos por material à sua escolha até um máximo de 300\$00 no Centro Livreiro da Nascente.

MEMÓRIA SELECTIVA

CONTO PREMIADO

Dos talvez quarenta, que 20 anos antes tínhamos começado juntos a grande aventura da escola, eramos apenas nove os que nos encontrávamos à volta daquela mesa, nesse convívio de saudade. A roda da vida tinha separado aquele grupo que tinha a força de representar para todos nós o primeiro grupo não familiar a que tínhamos pertencido.

No meu caso, tendo mudado de cidade por volta dos 12 anos, tinha perdido todo o contacto. Apenas, por um feliz acaso, vão uns bons 4 anos tinha, reencontrado o Diogo. Por ele tinha sabido da reunião.

Como não podia deixar de ser, a conversa começou pelo lembrar dos «bons velhos tempos». O que me deixou bastante apreensivo e mesmo triste. É que fui obrigado a reconhecer a minha «deficiência» em termos de capacidade de memória. Apesar do esforço empregue apenas fui capaz de me lembrar do nome do Amiral, e mesmo assim somente após algumas piedosas ajudas externas. Enquanto que os meus antigos companheiros de classes mostravam uma espantosa facilidade para se lembrarem dos nomes de todos, mesmo dos faltosos à reunião. E não apenas dos nomes. Eram capa-

zes de localizar, na nossa velha sala do 1.º andar da escola, as posições relativas de outrora. As nossas alcunhas infantis. Pequenos pormenores relacionados com os elementos do grupo, os quais no meu cérebro tinham há muito baixado à cave do inconsciente. As botas cardadas e enormes do Henrique. O apara-lápis em forma de elefante do Sá. A preciosa e invejada caneta de tinta permanente do Nuno. O canivete «artilhado do João». E por aí fora. O Nuno deu mesmo o golpe de misericórdia no meu estado depressivo ao lembrar a minha «grandiosa» caixa de lápis de côr, que já não sei quem me ofereceu num aniversário.

Esgotado o tema do passado, a conversa passou a centrar-se no presente. Mas o estado a que a minha falta de memória me remetera permanecia e leva-

continua na página 4

PORQUE ESCREVES ?

«Escrevo desde os 13 anos e isto porque sinto necessidade», começou por nos dizer a Dorinda, hoje com 18 anos e uma das premiadas no Concurso Nascente. «Quando falo em necessidade é como, por exemplo, escrever uma redacção na escola e gostar daquilo, não fazer só por obrigação. Mas isto é uma coisa pessoal, sem qualquer apoio de alguém que pudesse ajudar a progredir. Só muito recentemente descobri alguém que também gosta de escrever e por isso acho que coisas como este Concurso são importantes porque estimulam e permitem o contacto com outros que também escrevem. Era importante que se criassem condições que permitissem o diálogo entre os concorrentes com mais experiência.»

NEGRO

POEMA PREMIADO

Negro
tua pele estigma da desgraça é fel
que deram de beber à tua raça.
Negro
de brancos pensamentos e
milenários sofrimentos,
negra continua a tua vida
num mundo que não te dá
senão lamentos.
Negro
com fome de pão e compreensão,
tua pele é tua negra sombra e
por ela em vez de pão te dão a bomba

Nampula / 67 — Allende

ESCOLA DE BALLET

continuação da página 1

foi preciso dar forma à ideia até se chegar aqui. Como apareceu e desenvolveu o ballet entre nós?

— Tudo começou porque numa situação de insatisfação com as perspectivas de trabalho que se abriam para mim no mundo do ballet, acabei, por acaso, por ter ocasião de ensaiar algumas crianças para uma festa de Natal. Esta experiência casual permitiu-me descobrir que tinha vocação para professora. A partir

experiência tem avançado. O interesse pelo ballet tem crescido e com ele o número de participantes.

Que nos conste não é esta uma actividade que tenha muitos apoios. Será que em relação a Espinho a situação é diferente?

— Longe disso, temos dificuldades e muitas, a começar pelas instalações. Não temos um local capaz onde se possa trabalhar com condições, bastan-

do a que os preços de inscrição e frequência sejam baixos em relação ao que é habitual. Existe até a possibilidade de serem atribuídas bolsas de estudo àque-

licas, como no caso da montagem de audições, quer na procura de soluções coreográficas e de expressão corporal. Muitas das soluções que foram apre-

prática de muitos anos em que esta actividade artística tem sido considerada como ligada a certas elites sociais e culturais. Que fazer para evitar esta situação?

— Também neste aspecto se faz sentir o problema da falta de instalações. Se houvesse um local público onde se pudessem realizar audições sem grandes problemas isso permitir-nos-ia, por exemplo, estabelecer contactos regulares com as escolas e fazer um trabalho conjunto com as professoras. Seria também mais fácil desenvolver junto dos pais e público em geral uma mais intensa acção psicológica e formativa. Seria até possível o intercâmbio com outras escolas de ballet. Mas nas actuais condições qualquer iniciativa deste tipo é muito difícil. Esta audição, por exemplo, só foi possível com o apoio precioso da CERCIESPINHO, mas só as boas vontades não chegam para ultrapassar todas as dificuldades que surgem e enquanto não se criarem condições à partida mais favoráveis.

A terminar um apelo especial aos rapazes, para que colaborem connosco, já que os que andam cá agora não são suficientes para podermos levar a cabo algumas ideias que gostaríamos de concretizar.

PORQUÊ O BALLET ?

Porquê o ballet? — perguntámos a três dos jovens que o praticam. E ouvimos:

«Sempre gostei de ballet, como de movimento corporal em geral. Além disso, há o convívio aqui entre todos. Penso ainda que o ballet tem uma influência positiva no desenvolvimento das pessoas, mesmo ao nível psicológico.»

Orlanda

«Vim para o ballet por sugestão familiar. Mas só quando tive que parar um ano é que vi como gostava disto. Foi então que resolvi dedicar-me mais a sério e... estou a gostar muito.»

Paula

«Eu tinha feito ginástica rítmica e expressão corporal em Angola. Quando cá cheguei, um amigo informou-me de que havia isto e resolvi ver como era. Acabei por ficar, até porque foram todos muito simpáticos e sinto-me bem. Ao princípio os meus amigos riam-se de mim, pensavam que eu me tornaria efeminado, mas depois aceitaram.»

Zé Carlos

les que tenham mais dificuldades e mostrem um verdadeiro interesse em participar. E é de salientar que os rapazes não pagam nada, para ver se assim cresce o número de interessados no ballet. Há também a dificuldade da aquisição do material, parte do qual é bastante caro.

Parecendo à primeira vista que a prática do ballet poderá criar em alguns um certo espírito de exibição e de desejo individual de se salientar, como é possível lutar contra esta tendência?

—Eu penso que o nosso trabalho deve ser fundamentalmente colectivo e criativo, quer na realização de tarefas muito prá-

sentadas nesta audição resultam das experiências do grupo. Isto também é importante porque um bailarino não deve ser um técnico ou um simples executante.

O ballet continua ainda a sofrer as consequências de uma



A ESCOLA MOSTROU O SEU TRABALHO NO S. PEDRO

dai comecei na busca de local e condições onde pudesse desenvolver essa actividade e o contacto com a Academia de Música desta cidade deixou-me ver algumas possibilidades, embora me dissessem que seria difícil. Mas o certo é que tenho hoje cerca de 90 alunos e a

do dizer que nem dispomos de espaço para arrumar em condições as roupas dos alunos. Além disso, notamos muito a falta de um local para dar audições regulares. Da parte das entidades com responsabilidade nestas coisas não temos qualquer apoio, o que não tem obsta-



PORTE
PAGO